Eficiência produtiva

O planejamento integrado da cadeia de valor

Cleber Lima Guarany*

NAS ÚLTIMAS semanas, temos presenciado um debate muito interessante e pertinente para a economia brasileira como um todo.

O tema desindustrialização ganhou manchete em vários veículos de comunicação, e as preocupações do governo, de entidades de classe e de especialistas de diversas áreas puderam ser ouvidas e discutidas.

Problemas na infraestrutura logística, alto custo de energia elétrica, impostos elevados, taxa de câmbio desfavorável, escassez de financiamento etc. apresentaram-se como os principais responsáveis pela falta de competitividade da indústria brasileira.

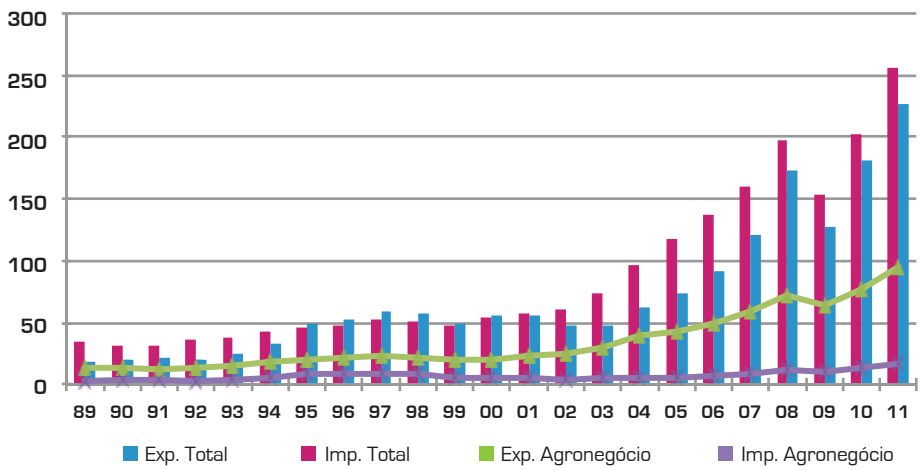
O agronegócio enfrenta basicamente esses mesmos problemas e, embora seja muito competitivo na produção agrícola, ou seja, no antes da porteira, tem perdido fôlego nas etapas posteriores da cadeia de valor.

O setor é reconhecido pela sua competitividade global e tem contribuído muito para os superávits da balança comercial nos últimos anos, mas, apesar disso, não se pode ignorar que as demandas reclamadas pela indústria atrapalham também, e muito, o desempenho do agronegócio brasileiro.

O campo tem alcançado recorde de produtividade em diversos cultivos, o que se traduz não somente pela utilização de variedades mais produtivas, mão de obra qualificada e cadeia de suprimentos bem estruturada, mas também pelas ótimas condições edafoclimáticas que o País apresenta para o plantio de diferentes culturas. Assim, a eficiência da atividade agrícola está fortemente dependente de vantagens comparativas do Brasil, e dessa forma, apesar de todas as dificuldades, ainda conseguimos ser competitivos.

No entanto, essa força que o País possui no comércio mundial de produtos do agronegócio (tanto de origem animal como de origem vegetal) pode não se manter no longo prazo. O Brasil deverá enfrentar novos entrantes africanos, principalmente da África Oriental, com vantagens comparativas similares e proximidade com grandes mercados, como o asiático.

Balança comercial brasileira e balança comercial do agronegócio (US$ bilhões)



Fonte: AgroStat Brasil a partir de dados da Secex/MDIC

África Oriental





SXC.HU

Nesse contexto, é importante que o agro faça coro às reivindicações do setor industrial como um todo, para que sejam implementadas as mudanças estruturais que nos levarão à manutenção de nossa competitividade.

À medida que novos países entram para esse seleto grupo de exportadores de produtos agroindustriais, faz-se premente que tenhamos mais efetividade nas etapas depois da porteira, como o processamento, a transformação e a distribuição das matérias-primas geradas no campo.

Para isso, é necessário um entendimento mais claro de toda a cadeia de valor, de seus gargalos e de sua lógica de negócio para estruturar ações de longo prazo, que, em última análise, manterão o vigor do setor como um todo.

Tomemos, como exemplo, a cadeia da soja, uma das mais importantes do agronegócio brasileiro. A lógica de negócio desse setor é produzir o farelo de soja e agregar valor com a extração do óleo vegetal e a produção de biodiesel. Assim, a competitividade deste negócio está fortemente apoiada sobre a logística. Para cada etapa percorrida na cadeia de valor da soja, transportam-se sempre grandes volumes, o que demanda boas estradas, ferrovias ou hidrovias.

Outro elemento importante a ser avaliado nesse setor é a desoneração tributária para os principais compradores dos produtos (farelo de soja, óleo e biodiesel). Por exemplo, se a indústria de proteína animal, grande compradora do farelo de soja, se mantiver competitiva no mercado global, vai continuar demandando grãos. Os impactos da taxação tributária sobre este e outros segmentos puxadores de volumes de soja, como a indústria de óleo e biodiesel, devem também ser avaliados, buscando manter a competitividade da cadeia.

A infraestrutura portuária necessária para receber não somente o grão da soja para exportação, mas também os produtos de origem animal e vegetal, deve também receber atenção especial.

Se fizermos o mesmo tipo de análise para outros setores, é possível identificar uma extensa lista de atividades e de responsabilidades que deveriam ser assumidas e priorizadas pelo Estado brasileiro. Assim, seria possível premiar os setores que mais contribuem para a economia brasileira, garantindo condições concretas de concorrer no mercado internacional.

Para que isso vire realidade, é premente que o governo comece a adotar um planejamento integrado por cadeia de valor, de modo a elaborar ações interdependentes que objetivem alcançar uma maior eficiência das estruturas produtivas do País. ■

*Coordenador de projetos da FGV Projetos